

Knut Heim, Provérbios, Palestra 12

Prosperidade Genocídio

© 2024 Knut Heim e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Knut Heim em seu ensinamento sobre o livro de Provérbios. Esta é a sessão número 12, Variantes da Prosperidade e Poesia sobre Genocídio.

Bem-vindo à aula 12 sobre o livro bíblico de Provérbios.

Nesta palestra, quero me concentrar em dois tópicos específicos. Um deles é um envolvimento irônico em duas repetições variantes de Provérbios relacionadas à prosperidade. O outro tópico desta palestra é poesia sobre genocídio.

Então começo, em primeiro lugar, com dois versículos, Provérbios 10.15 e Provérbios 18.11. Estas são declarações muito semelhantes, mas como veremos, nas suas diferenças subtis, fazem sugestões pragmáticas tanto relacionadas como diferentes aos seus leitores e ouvintes. Provérbios 10:15 diz: A riqueza do homem rico é a sua cidade fortificada. A ruína dos pobres é a sua pobreza.

Provérbios 18:11 diz: A riqueza do rico é a sua cidade fortificada e como um muro seguro na sua fantasia. Provérbios 10.15 consiste no que tradicionalmente costumava ser chamado de paralelismo antitético, enquanto Provérbios 18.11 é um exemplo de paralelismo tradicionalmente sinônimo. Os dois meios versos no versículo 10.15 estão organizados em ordem quiástica, portanto a sequência de palavras foi invertida para facilitar a visualização.

Cada termo tem um oposto correspondente, a única diferença é que o sufixo mudou para uma classe gramatical diferente. Os três conjuntos de termos correspondentes são todos opostos, riqueza em oposição à sua pobreza, rico singular em oposição a pobre plural, a sua cidade forte em oposição à ruína de. Os elementos correspondentes são opostos bastante simples, e as declarações antitéticas nos dois meios versos parecem convencionais e talvez até banais, o que se poderia esperar num ambiente económico orientado para a recompensa.

Entretanto, veremos que em Provérbios 18:11, tanto os elementos paralelos quanto o conteúdo são incomuns. Em Provérbios 18:11, a frase final de sua fantasia no final de Provérbios 18:11 cria uma surpresa ao atrasar o reconhecimento de que as declarações aparentemente convencionais em 18:11, que soam tão semelhantes a Provérbios 10:15, são na verdade altamente irônico. Os opostos são a riqueza e depois implicitamente através de elipses também a riqueza, depois a próxima oposição é, ou melhor, a correspondência, o rico e a fantasia do homem rico, e depois a sua cidade fortificada e como um muro seguro.

O paralelismo neste versículo é notavelmente diferente de sua contraparte variante. O tópico, a riqueza dos ricos, da sentença nominal em Provérbios 18:11a ainda é pressuposto, e a segunda metade do versículo fornece um segundo predicado, uma parede segura, mas de uma forma significativamente expandida. A equação metafórica da riqueza do homem rico é que a sua cidade fortificada foi agora transformada num símile.

É como um muro seguro, uma expansão apenas por um grande número de consoantes. O verdadeiro poder deste provérbio, porém, deriva do posicionamento do termo no final da segunda metade da linha, bem no final deste provérbio. Embora o leitor ou ouvinte espere a simples reformulação da verdade encorajadora declarada na primeira parte do verso, sua antecipação parece ser confirmada pelas palavras iniciais da segunda metade do verso.

Mas essa ilusão é destruída pela palavra devastadora que surpreendentemente muda o significado da primeira metade do versículo e contrasta fortemente com a variante anterior em Provérbios 10:15. A eficácia do provérbio depende da reversão das expectativas sobre a vantagem universal da riqueza, conforme aparentemente expresso em Provérbios 10:15. Parece então que Provérbios 10:15 foi provavelmente a variante anterior dos dois e que Provérbios 18:11 é uma versão deliberadamente remodelada para apresentar um ponto altamente original no que diz respeito à mensagem do provérbio. Volto-me agora, no entanto, para os contextos de Provérbios 10:15 e de Provérbios 18:11. Adal Berlin observou que a adequação contextual das duas variantes também se refere ao tipo de imagem empregada em cada uma. Ela considerou três pares de versos poéticos que consistem em versos idênticos ou quase idênticos da primeira metade.

As segundas metades das linhas são, diz ela, semanticamente equivalentes, mas formuladas de forma diferente. Ou seja, entre aspas, dois paralelismos completamente diferentes que têm uma linha em comum, aspas finais. Ela se refere aqui a uma série de paralelos entre Salmo 39:13, Salmo 102 versículo 2, Salmo 55 versículo 2 e Salmo 86 versículo 6 e, finalmente, aqui nosso exemplo Provérbios 10:15 paralelo com Provérbios 18:11. Isto a levou a concluir, cito, que os paralelos semânticos em cada um desses versículos não são apenas igualmente aceitáveis, nem sendo mais paralelos que o outro, mas que a escolha do paralelo em cada caso se ajusta ao contexto mais amplo em que o versículo está situado. , citação final.

No que diz respeito ao nosso conjunto de variantes, ela observou, entre aspas, Provérbios 10 contém muitos outros contrastes entre os justos e os ímpios, os sábios e os tolos e, portanto, o contraste entre os ricos e os pobres é bastante familiar. Provérbios 18, por outro lado, está estruturado de forma muito diferente. Não se baseia em contrastes rápidos, mas em imagens mais prolongadas e o versículo 11 se enquadra em uma delas, citação final.

A adequação contextual de ambas as variantes, contudo, vai ainda mais longe do que Berlim reconheceu. Provérbios 10:15 faz parte de um grupo proverbial que se estende de Provérbios 10:12 a 18. Sua relação com o versículo 16 é particularmente próxima, tanto que cada elemento em Provérbios 10:15a tem uma expressão correspondente em Provérbios 10:16a e cada elemento em Provérbios 10:15b tem um paralelo em Provérbios 10:16b. Quando os dois versículos são considerados juntos, a riqueza em Provérbios 10:15a é considerada positiva não por si só, mas como uma recompensa bem merecida por uma vida justa.

O inverso é expresso nos versos da segunda metade. A interação entre os pares mostra que a ruína dos pobres em Provérbios 10:15b não é atribuída à pobreza como tal. Em vez disso, Provérbios 10:16b revela que as realizações das pessoas más levam ao pecado e a pobreza mencionada em 10:15b é vista como o salário do pecado.

É neste sentido que se diz que é ruinoso. Assim, Provérbios 10:16 molda a interpretação de uma afirmação que parece ancorar a motivação para o sucesso económico no impulso para a autopreservação e esclarece posteriormente que a verdadeira segurança não reside na riqueza como tal, mas nas recompensas por uma vida justa que, de acordo com estes dois Provérbios juntos incluem prosperidade duradoura e verdadeira. Provérbios 10:15 e 10:16 formam então um par proverbial.

O segundo provérbio fornece um aguilhão à história do primeiro provérbio e juntos eles se combinam em uma visão sofisticada da ética económica que, de uma forma surpreendente, vira de cabeça para baixo o pensamento aparentemente simples de Provérbios 10:15. Provérbios 18:11 faz o mesmo claramente em uma linha poética que certamente não é coincidência. Por meio de variações específicas e de arranjos contextuais, uma inversão semelhante de expectativas é provocada em ambas as variantes.

Provérbios 18:11 também pertence a um grupo proverbial, Provérbios 18:10-15, e também forma um par proverbial com um ditado adjacente. O conteúdo dos versículos 10 e 11 é semelhante. Em ambos os ditos, duas entidades que prometem segurança, o nome do Senhor numa e riqueza na outra, são mencionadas e identificadas metaforicamente como uma torre forte e uma cidade forte e muro alto respectivamente.

Os versículos da segunda metade qualificam as declarações iniciais. O nome do Senhor é confirmado como uma fortaleza verdadeiramente segura. A riqueza, pelo contrário, é uma fonte duvidosa de segurança.

Sem o Senhor, é apenas uma invenção da imaginação de uma pessoa rica. O versículo seguinte, versículo 12, reforça esse ponto. A confiança indevida nos próprios recursos, que é a riqueza do versículo 11, às custas da confiança em Yahweh

no Senhor, por implicação do versículo 10, é caracterizada como orgulho que, em última análise, leva à ruína.

Quando olhamos novamente de forma mais detalhada para os paralelos em Provérbios 18.11, notamos que uma única expressão se destaca dos conjuntos de elementos correspondentes, que de outra forma seriam organizados. A frase que mencionamos anteriormente, em sua fantasia. Várias conclusões podem ser tiradas.

Primeiro, o nome do Senhor em quem os justos de Provérbios 10 buscam refúgio é a verdadeira riqueza a que todos deveriam aspirar. Em segundo lugar, os termos justo e rico não são opostos em si. O contraste surge da autossuficiência da pessoa rica em detrimento da confiança no Senhor.

Terceiro, a sequência de estruturas arquitetônicas no par proverbial exibe uma dinâmica espacial centrífuga desde a cidadela da cidade, a torre forte, o local de refúgio mais seguro nas cidades antigas, até a cidade fortificada como um todo, até a muralha como defesa externa. sistema que seria tomado primeiro no caso de um ataque bem-sucedido. Quarto, a expressão na sua imaginação ou na sua fantasia não tem nenhum elemento paralelo no proverbial par de versículos 10 a 11, embora seja este elemento que constitui a palavra de impacto que define o significado de toda a unidade. Já salientei brevemente que o versículo 12, que alerta sobre as consequências destrutivas do orgulho e promove a humildade, reforça os pontos apresentados em Provérbios 18.10 a 11.

A expressão que denota orgulho em 18.12a, antes da destruição o coração de um homem está elevado, introduz um intrigante jogo de palavras entre os verbos estar seguro, literalmente estar elevado, e a palavra estar orgulhoso, literalmente também estar elevado. A auto-suficiência do rico é exposta como orgulho, confiança indevida nos próprios recursos, em detrimento da confiança no Senhor. Provérbios 18.12a expõe esse tipo de autossuficiência como ilusória, sendo o ponto enfatizado pela palavra de efeito em sua fantasia no final de Provérbios 18.11. Assim, a variação mais notável na variante 18 a 11, a palavra em sua fantasia, acaba sendo um dispositivo de ligação crucial que relaciona intrinsecamente a variante com ditos adjacentes, forjando -os assim em um trio proverbial, que vai de Provérbios 10 a 12. .

Vale a pena comparar a análise acima que acabo de apresentar aqui com as reflexões de Murphy sobre o significado das duas variantes e como elas interagem uma com a outra. Na opinião de Murphy, não há mensagem oculta em Provérbios 10.15. Não há intenção de comunicar aqui uma lição moral. Isto é simplesmente uma reflexão sobre a realidade.

É assim que as coisas são. No entanto, ao comparar 10.15 com 18.11, que ele interpretou tendo como pano de fundo o versículo 18.10 que o acompanha, ele

concluiu, cito, como é o caso de tantos outros provérbios, que é preciso aprender a equilibrá-los entre si. Aqui ele notou uma conexão.

Vale a pena citar sua extensa discussão sobre o significado de Provérbios 18.11 à luz de Provérbios 10.15 na íntegra. Apenas tenha paciência comigo por esta citação um pouco longa. A primeira linha do provérbio retoma deliberadamente Provérbios 10.15, que expressa um fato óbvio.

As riquezas são uma proteção. Mesmo 11b pode ser tomado num sentido um tanto neutro e visto como sendo um paralelismo sinônimo da linha a. Então, pensa o rico. Este não precisa ser um ponto de vista irracional.

Isso ecoa Provérbios 10.15. No entanto, o ditado tem mais força se, assim ele imagina, indicar apenas um ponto alto de segurança aparente, mas em última análise falso. Isso acontece. É pretendido com a torre alta ou o nome do Senhor mencionado no versículo 10.

Portanto, a situação deve ser cuidadosamente avaliada. Em que ou em quem os ricos realmente confiam? Este versículo soa como um aviso em relação a Provérbios 10:15. Estritamente, nenhum julgamento é feito sobre os ricos. Portanto, este provérbio não muda o significado de Provérbios 10.15, o que é verdade até certo ponto.

Mas uma advertência oportuna é feita. Os ricos do versículo 11 também devem manter o versículo 10 em mente, pois o Senhor fornece força que não pode falhar. Agora, essas são reflexões perspicazes e altamente relevantes.

À luz da análise do contexto do paralelismo que acabei de apresentar, no entanto, podemos novamente ver uma mão editorial em ação que muda habilmente o significado dos versos através de variações sutis entre as repetições que andam de mãos dadas com arranjos contextuais. Os resultados são sutis e gratificantes. E em contraste com Murphy, eu diria que Provérbios 10.15 em seu contexto com o versículo 16 é muito mais subversivo do que Murphy percebeu.

Passo agora de forma relativamente breve, embora esta seja uma área de assunto extremamente importante, para três versos que acredito serem poesia sobre genocídio. Provérbios 24:12 pertence a uma pequena seção que vai de Provérbios 10 a 12 e precisa ser interpretado sob esta luz. Aqui está a passagem na íntegra.

Li os versículos 10 a 12. Você permaneceu inativo durante o período de angústia, com suas forças limitadas. Se você não conseguir resgatar aqueles que estão sendo arrastados para a morte, aqueles que cambaleiam para o matadouro, se você disser, olhe, nós não sabíamos disso.

Não é verdade? Quem pesa os corações, ele entende. E aquele que guarda a sua vida, ele sabe. E ele retribui ao homem de acordo com a sua ação.

Agora, o pronome demonstrativo isto no versículo 12a, olha, não sabíamos disso, refere-se à crise descrita no versículo 11, pessoas sendo arrastadas para a morte, cambaleando para o matadouro. Um número indeterminado de pessoas é violentamente arrastado para ser massacrado e maltratado o tempo todo, a ponto de ficarem exaustos e feridos devido aos maus-tratos contínuos que têm sofrido ao longo do tempo. Acredito que esta seja a descrição de uma campanha sustentada de perseguição, tortura e assassinato.

O ponto de interrogação no versículo 12, refratando a expressão incomum, não é, introduz um truísmo bem conhecido, a autoridade à qual o orador apela. Uma paráfrase em prosa mais cara pode capturar a força pragmática da passagem. Então, você não se envolveu na crise porque sabia que não era forte o suficiente para fazer a diferença.

Se você fizer disso uma desculpa, ou se fingir que não sabia toda a extensão da crise, lembre-se do conhecido provérbio, quem pesa o coração, ele entende. Aquele que guarda a sua vida, ele sabe. E cuidado, Deus recompensa todas as pessoas pelo que fazem.

Assim como Deus cuida de você, ele cuidará daqueles a quem você renega. Na verdade, Ele retribuirá a cada um de acordo com as suas ações, às vítimas de acordo com a sua inocência e a você de acordo com a culpa em que incorreu ao permitir tal injustiça. Agora, admito que a forma como interpretei esta passagem é uma forma de interpretá-la.

Talvez isso seja algo que enfatizei pouco em palestras anteriores. Tenho apresentado consistentemente interpretações imaginativas, algumas delas mais ousadas que outras, algumas delas talvez mais convincentes que outras. No processo, posso ter dado a impressão de que acredito que as minhas interpretações são as melhores ou as únicas interpretações corretas.

Se o fiz, quero pedir-lhe desculpa aqui e agora, porque penso que isso seria um mal-entendido sobre o que quero dizer com interpretação imaginativa. A poesia, como tal, é de muitas maneiras diferentes subdeterminada na sua brevidade, nas suas ousadas figuras de linguagem, metáforas, e assim por diante, de modo que sempre evocará e tornará possíveis várias interpretações interessantes e boas. Pessoalmente, acredito que muitas das interpretações que apresentei são de facto as melhores.

Certamente, porém, não quero dizer, e não penso, que sejam as únicas possíveis e que sejam as únicas interpretações verdadeiras ou corretas. E a mesma coisa é

verdade aqui. E pode muito bem ser que a minha formação como teólogo alemão, cujos avós estiveram ambos envolvidos durante a Segunda Guerra Mundial, tenha moldado a minha leitura desta passagem.

Mas para mim, os paralelos são impressionantes. Lembro-me de, em diversas ocasiões, ter pregado nas igrejas alemãs sobre a famosa passagem de Romanos 13, onde Paulo, na sua carta aos Romanos, encoraja os cristãos a serem subservientes às autoridades políticas. E lembro-me bem, tanto pelos escritos da época como também pelas discussões e conversas que tive com muitas pessoas da geração dos meus avós, que na Alemanha de Hitler, durante o genocídio contra os judeus na Europa, havia muitos, muitos Cristãos, cristãos alemães, quem diria, eles dão essas duas desculpas que lemos aqui em Provérbios 24, 10 a 11.

Eles diriam: o que eu poderia ter feito sozinho? Não teria feito diferença e, por implicação, eu teria me colocado em perigo. E a outra desculpa que tenho ouvido muitas vezes é que as pessoas diziam, olha, a gente não sabia. Provavelmente nunca quis dizer, não acho que eles realmente quiseram dizer, não sabíamos de nada.

Mas acho que o que eles queriam dizer é que não sabíamos que era tão ruim assim. E parcialmente, acredito nas pessoas. Mas se seis milhões de pessoas estão sendo mortas debaixo do seu nariz, como é possível que você não soubesse de nada? Acho que naquela época a razão pela qual as pessoas não sabiam era porque não queriam saber.

Porque era conveniente não saber. Porque intervir naquela situação, naqueles tempos, era mesmo perigoso. E as poucas pessoas que o fizeram arriscaram suas vidas.

E muitos deles, a maioria deles, muito conhecidos até hoje, são famosos por terem perdido a vida para salvar aqueles que eram arrastados para a morte, cambaleando até o matadouro. E por isso penso que o que esta sequência específica de provérbios nos diz ao longo dos tempos, desde há 3.000 anos, é que não podemos permanecer como espectadores em crises de genocídio. Devemos tomar partido.

De acordo com Provérbios 24, versículo 12, o próprio Deus exige isso. E se não o fizermos, existe um Deus aqui a quem devemos responder. Tomar essas respostas, porém, exige coragem, envolve alto risco, é perigoso.

E ao fazê-lo, podemos muito bem perder o sono, o conforto, a companhia e talvez até a nossa saúde ou a nossa vida. Ao considerarmos estas questões à luz destes provérbios, que creio não serem nada banais, penso que precisamos de reconsiderar a importância do martírio cristão, que é um tipo de martírio muito diferente, de que por vezes se fala noutras religiões. , onde as pessoas explodem a si mesmas e aos

outros e chamam isso de martírio. O martírio cristão não consiste em destruir outras pessoas, ou em destruir a si mesmo para destruir outras pessoas.

O martírio cristão é um testemunho do amor de Deus, amando aqueles que mais precisam, defendendo os vulneráveis, os perseguidos, aqueles que estão sendo arrastados para a morte, que estão sendo torturados, que estão sendo explorados, e assim por diante. sobre. E por isso quero fazer um apelo aqui especificamente aos crentes judeus e cristãos de hoje. E farei isso numa declaração talvez um pouco evocativa, provocativa e quase exagerada, que explicarei em um minuto.

Mas eu quero dizer isso para você. Se você alguma vez se encontrar em uma situação como esta, onde você pode fazer a diferença e a possibilidade de martírio se apresentar, aceite-a. Pode ser sua única chance.

E o que quero dizer com isso é que o martírio cristão não tem a ver com morrer por morrer. O martírio cristão tem a ver com algo profundamente positivo, que tem a ver com testemunhar o amor de Deus no Filho de Deus, Jesus Cristo, por todos os humanos em todos os lugares. E então viver esse amor em obediência fiel, mesmo quando isso custa caro. Obrigado.

Este é o Dr. Knut Heim em seu ensinamento sobre o livro de Provérbios. Esta é a sessão número 12, Variantes da Prosperidade e Poesia sobre Genocídio.